

OPINIÃO

EDITORIAL

Quem paga o pato, mais uma vez, é a torcida do Botafogo

O imbróglio envolvendo Botafogo Futebol Clube e Botafogo SA escancara, mais uma vez, o tamanho da desorganização institucional que tomou conta do clube nos últimos anos. Em vez de planejamento, transparência e resultados concretos, o que se vê é uma sucessão de conflitos, promessas não cumpridas e uma gestão incapaz de devolver ao Botafogo a estabilidade e a grandeza que sua história exige.

A condução do empresário Adalberto Baptista à frente do processo se revela, ao longo do tempo, pífia e desastrosa. E não falamos aqui de balanços, empréstimos obscuros e dívidas milionárias - problemas que, de resto, estão escancarados nos balanços financeiros da companhia. O que pega, de forma imediata para o torcedor, são os resultados dentro de campo.

Nesse quesito, o desempenho acumulado durante a gestão “profissional” de Baptista são medíocres e insuficientes para justificar o discurso de modernização que tantas vezes foi vendido ao torcedor. O clube permanece atolado em crises administrativas, esportivas e financeiras, enquanto o botafoguense convive com frustrações contínuas e uma sensação permanente de abandono.

Mais grave do que os números é o desgaste emocional provocado em quem acompanha o clube há décadas. O torcedor histórico, aquele que sustentou o Botafogo nos momentos mais difíceis, sente-se cada vez mais apartado das decisões e distante da própria identidade tricolor.

O clube parece ter deixado de ouvir sua arquibancada para se tornar refém de disputas internas, vaidades pessoais e narra-

tivas jurídicas que pouco dialogam com a paixão de quem realmente mantém viva a instituição. E, infelizmente para os torcedores e para Ribeirão, não há sinais de alento.

Nesse cenário turbulento, a recente decisão da Justiça de suspender o Regime Central de Execuções, artefato jurídico que concentra a execução de todos os credores do Botafogo Futebol Clube, até a definição da arbitragem surge como uma boa notícia.

A medida representa uma necessária sobrevida ao Botafogo Futebol Clube, evitando que a instituição seja levada à extinção de forma imediata. Assim, a comunidade tricolor aguarda um desfecho para a disputa societária e administrativa que está colocando fim a uma história centenária.

É um respiro em meio ao caos, admite-se. Mas o pulso ainda pulsa e a bola, dessa vez, está com a câmara de arbitragem, onde o conflito, espera-se, seja solucionado. Qualquer que seja o resultado, entretanto, é imperioso que lições sejam aprendidas com o caso.

Do Axial a Brunoro, passando por abnegados que depenaram o clube e entregaram o patrimônio tricolor, os exemplos são fartos e daninhos. Que o embloglio com Baptista sirva, ao final, para prevenir novas aventuras entreguistas.

No frigidar dos ovos, o fato é que toda essa patacoada produz um único derrotado: o torcedor. Perde quem ama o Botafogo, quem cresceu vendo o clube como símbolo de tradição e resistência, e agora assiste, perplexo, à equipe indo de mal a pior dentro e fora de campo.



OPINIÃO DO LEITOR

O vereador Bigodini pode agradecer ao Brasil. Se não fosse o jogo contra o Japão, já estaria condenado!

Miria Avelino, Jardim Presidente Dutra

NOVAS IDEIAS

IA na pesquisa: ferramenta ou ameaça?

THIAGO CARITA CORRERA*



Na edição de 21 de maio de 2026, a revista Nature publicou um editorial com um título direto: Por que a IA não consegue fazer boa ciência sem humanos. O texto parte de dois estudos recentes em que sistemas autônomos de inteligência artificial foram usados na busca por novos fármacos, com resultados impressionantes em velocidade e escala. E, ainda assim, o editorial conclui com algo que vale repetir: a presença humana no processo não é um defeito do sistema. É uma característica fundamental. Removê-la não seria fácil, nem desejável.

Esse ponto merece atenção. Não porque a IA seja uma ameaça a ser contida, mas porque o debate que cerca essa tecnologia oscila com frequência entre o entusiasmo sem reservas e o completo ceticismo. A realidade, como quase sempre, deve estar mais na justa medida entre esses dois pontos.

Inteligência artificial é uma ferramenta. Uma ferramenta de extrema sofisticação, capaz de processar volumes de informação que nenhum ser humano processaria em tempo útil, de identificar padrões onde olhos treinados não os enxergariam, de redigir, resumir, traduzir e sugerir com uma fluência que ainda surpreende. Entretanto, continua sendo uma ferramenta e, dessa forma, seu valor depende de quem a usa, para quê, e com que grau de compreensão.

Há um argumento simples que ilustra bem o que está em jogo na formação de quem pesquisa. Aprender a fazer contas de cabeça não serve para dispensar a calculadora ou computadores, serve para saber quando os resultados estão errados. Quem nunca somou números por si só não tem o filtro interno ou desconfiança que diz “esse resultado não pode estar certo”. O mesmo vale, em escala muito maior, para a prática científica. A IA pode otimizar etapas, sugerir hipóteses, acelerar análises e, de fato, até propor perguntas. O que ela não deve substituir, entretanto, é a capacidade de reconhecer uma boa pergunta, e de formular quais perguntas novas precisam ser respondidas.

É exatamente aí que a ciência vive. Não nas respostas, mas no movimento contínuo entre pergunta, resposta e nova pergunta. Delegar esse movimento inteiramente a um sistema automatizado não é ganho de eficiência. É perda de essência.

Por isso, a questão não é se a IA deve ou não ser usada na pesquisa. Deve, e já é. A questão é como garantir que quem a usa, especialmente quem ainda está se formando como pesquisador, mantenha a compreensão ativa do processo, e não apenas do resultado.

O que ainda merece atenção é a dimensão prática do acesso. Hoje, boa parte da comunidade USP usa ferramentas de IA de terceiros, não por descuido, mas porque são as que estão ao alcance. O problema é que essas plataformas, em geral, não são controladas pela instituição, e nem sempre oferecem clareza sobre o que acontece com os dados inseridos. Um pesquisador que usa uma dessas ferramentas para redigir um relatório com dados ainda não publicados pode, sem perceber, estar fornecendo informação sensível a sistemas de treinamento externos. Entretanto, conforme discutido no evento USP Talks – Research Security, realizado em 28 de abril de 2026, a segurança em pesquisa não é barreira à ciência, mas condição para uma atuação sustentável e globalmente confiável.

O cenário não é catastrófico, mas sim um risco real e evitável cuja resposta não é proibição. É acesso qualificado. O que faria diferença concreta é possuímos, como comunidade, acesso a plataformas reconhecidas, com políticas claras sobre uso e proteção de dados, acompanhadas de orientação mínima sobre boas práticas. Não como burocracia adicional, mas como o suporte que qualquer profissional precisa para usar bem uma ferramenta nova. E que esse acesso chegasse de verdade a toda a comunidade: estudantes, técnicos, pesquisadores e docentes, em todas as unidades.

O editorial da Nature se encerra com uma frase que resume bem o argumento: a IA pode comprimir o tempo necessário para certas descobertas, mas a sabedoria acumulada por equipes que trabalham um problema por décadas, a curiosidade que leva a uma pergunta inesperada, a responsabilidade ética que guia o que se faz são atividades humanas, e não por acidente. Preservá-las não é resistência ao progresso, é a condição para que o progresso valha alguma coisa.

*professor do Instituto de Química da USP

Jornal Digital

Leia o QRCode e acesse a versão online do Jornal Ribeirão

Pontos de Distribuição

Veja onde você encontra a versão impressa do Jornal Ribeirão:

Banca Tibiriça - R. Tibiriçá, 600

Banca do Denis - R. Otavio Golfeto, 326

Banca Saudade - Av. Saudade S/N

Banca Paulista - Av. Independência, 1680

Banca 2000 - Praça Coração De Maria S/N

Banca Balleiro - R. Gen. Osório, 549 - Calçadão

Banca Oracilda - Praça Jose Mortari S/N

Banca Solange - Av Pres. Vargas, 25 - Esq. Av R. Nove De Julho

Banca Camões - Praça Camões S/N

Banca Oásis - R. Duque de Caxias, 800

Banca Pinguim - R. Gen. Osório em frente a Choperia Pinguim - Calçadão

Banca do Valdir - Av. Nove De Julho, 378 - Esq. R. Visconde de Inhaúma

Banca 13 de Maio - Av. 13 De Maio, 575

Banca Irajá - R. Dr. Isaac Teodoro de Lima, 588

Banca Sete de Setembro - Praça

Banca do Emerson - R. Campos Salles, 431

Banca Oficce Center - Av Portugal, 1760

Banca do Amaral - R. Amador Bueno, 395

Banca da Lucia - Av Dom Pedro S/N

Banca do Rogério - R. Maria Tereza Braga Cenri, 425

Banca do Peruano - R. Florêncio De Abreu S/N (Calçada Catedral)

Banca da Japa - Av. Jerônimo Gonçalves, 493 (Próx Rodoviária)